

História Comparada: um breve guia inicial

Andrey Augusto Ribeiro dos Santos¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar um breve guia inicial sobre História Comparada. Assim, através de leituras de autores como Marc Bloch, José D'Assunção Barros e Jurgen Kocka, procurará apresentar alguns tópicos importantes sobre o método e sua implantação no campo historiográfico, além de alguns debates que orbitaram ou ainda orbitam seu entorno.

Palavras-chave: Comparação. História. Metodologia.

Comparative History: a brief initial guide

ABSTRACT: This article aims to present a brief initial guide on Comparative History. Thus, through readings by authors like Marc Bloch, José D'Assunção Barros and Jurgen Kocka, it will try to present some important topics about the method and its implantation in the historiographic field, besides some debates that orbited or even orbit its surroundings.

Keywords: Comparison. History. Methodology.

Artigo recebido em 25/04/2017 e aceito em 03/07/2017

Introdução

A comparação é um método presente em qualquer tipo de trabalho científico. Sem ela não podemos, por exemplo, afirmar que um estudo é inédito, afinal, para saber se algo é novidade há de ser feita uma comparação com algo que, em tese, não o é. Logo, como recurso para o desenvolvimento de pesquisas, tal metodologia também se mostrará de grande utilidade para o trabalho dos historiadores.

Considerando isto, buscaremos com este texto demonstrar o surgimento, a implantação e a sistematização, nem um pouco pacíficas, da comparação no campo historiográfico, bem como as vantagens e riscos em utilizá-la e os desdobramentos deste método em novas áreas. Com isto pretendemos oferecer um breve guia introdutório para aqueles que ainda não estão familiarizados e se interessam pelo assunto.

O surgimento do método

A autora Heidi Rosita Krauss apresenta um mapeamento do método comparativo desde a Idade Média, passando pelos séculos XVIII e XIX, apresentando estudos que englobavam diversas áreas, desde as Ciências Naturais até a Política e o Direito, campos mais abertos para os estudos históricos. Na historiografia, mostra como o método comparativo se faz presente há muito tempo, podendo ser apontado em obras de historiadores antigos como as de Plutarco, Tucídides e Heródoto, e implicitamente em trabalhos mais modernos^{II}.

Porém, tentativas reais de sistematização só apareceram bem mais tarde. Para alguns autores com o Iluminismo^{III}, para outros com a primeira globalização e contato com outras culturas, ainda no século XIX^{IV}. Em ambos os casos a comparação foi utilizada para fins políticos, propagação de etnocentrismo ou dominação de países menos desenvolvidos, já que o uso do “modelo ideal” produziu tentativas de definição de quem é mais ou menos civilizado ou desenvolvido, aspecto amplamente combatido durante o século XX.

A introdução desta metodologia na História também foi uma tentativa de firmar o status deste campo como ciência, frente a ascensão do método científico e das Ciências Naturais. Para muitos, a saída da descrição para a explicação de processos históricos, a melhor sistematização do conhecimento permitida pelo afastamento do pesquisador em relação a sua sociedade particular e o fato de ser uma saída perante a impossibilidade do uso do método científico fariam a comparação firmar o status da História como ciência^V.

Foi após a Primeira Grande Guerra que este modelo ganhou espaço verdadeiramente. Graças ao mal-estar deixado nos historiadores pelo conflito, devido ao papel que estes desempenharam na exacerbação dos nacionalismos, cresceu o desejo de ultrapassagem dos antigos modelos da História Política de bases nacionais, já que a insuficiência desta se tornou evidente. Foi assim que houve um frágil aumento no número de trabalhos que realmente comparam sociedades distintas, já que comparar significava, de algum modo, abrir-se ao diálogo^{VI}.

Neste momento um dos nomes importantes a se levantar a favor do uso da comparação na História foi Henri Pirenne. Historiador belga que, apesar da existência de algumas discussões e discordâncias, é apontado como um dos primeiros a empregar o método comparativo no campo historiográfico e a pensar nele como uma solução para os problemas da disciplina naquele momento^{VII}.

Após a Segunda Guerra Mundial a produção ganhou impulso, mesmo que ainda continuasse escassa. Nos EUA surgiram várias subdisciplinas que usavam o comparatismo, e mesmo com a descrença de uma parte dos historiadores o método avançou em várias áreas da disciplina. Porém, também surgiram trabalhos questionáveis, que utilizavam a comparação para tentar legitimar, por exemplo, a superioridade comunista, ao sustentar uma sequência de fatos como desenvolvimento único e necessário. Mesmo assim, nesta época surgiram mais

estudos comparados isentos de etnocentrismo e intenções de dominação, ainda que em menor número em relação a outras áreas,

Graças aos vínculos internacionais crescentes e ao aumento da comunicação cultural resultantes da globalização e da internet, a História Comparada tem se mostrado cada vez mais importante. Porém, isso não fez com que ela deixasse de ser mais discutida do que executada, provavelmente devido a grande erudição exigida para isso, ao costume enraizado das histórias nacionais e por ir de encontro a tendência atual de especialização adotada pelos historiadores.

Hoje o método está firmado, mas sua origem está nas Ciências Sociais, já que os historiadores estiveram durante muito tempo presos a noção de único e irrepetível, logo incomparável. Assim, este modelo foi melhor sistematizado em áreas como a Sociologia e Economia, que buscavam a definição de leis gerais, objetivo para o qual a comparação se mostra imprescindível.

Na História, dois nomes frequentemente citados quando se fala em método comparativo são os de Max Weber e Émile Durkheim, já que eles foram, em grande parte, responsáveis pelos modelos de comparação adotados pela História comparada. Weber deu boas contribuições para a área com *A cidade e A ética protestante e o espírito do capitalismo*. No primeiro são produzidos tipos ideais em blocos de tempo, já no segundo exemplo um processo específico é analisado e confrontado com outros processos distintos ao redor do mundo. Além de ampliar a perspectiva metodológica Weber também provou o caráter interdisciplinar da História Comparada, já que era um sociólogo^{VIII}.

Já Durkheim chegou a declarar que a Sociologia Comparada era a própria Sociologia e defendeu dois tipos de comparação: entre sociedades com a mesma estrutura ou “espécie” ou entre sociedades basicamente diferentes^{IX}. Marc Bloch e Otto Hintze foram os primeiros historiadores a adotarem as orientações de Weber e Durkheim, Hintze seguiu o primeiro e Bloch o segundo.

Apesar de ter seu alicerce nas Ciências Sociais, várias diferenças são detectadas entre as comparações perpetradas pela História e pela Sociologia, já que há alguns pontos nos quais as duas áreas entram em desacordo. Os sociólogos normalmente tentam fazer generalizações adaptáveis a todos os casos, já os historiadores, por outro lado, focam na análise mais profunda de poucos casos. Isto pode explicar o motivo pelo qual os pesquisadores da área da história costumam se interessar mais pelas diferenças, mesmo que uma boa pesquisa comparada leve em conta também as semelhanças^X.

Além disto, graças a importância que o historiador dá ao tempo suas comparações normalmente cobrem períodos curtos, mantendo a exatidão no trato com as fontes. O isolamento de certas variáveis em um contexto também costuma ser mais limitado na História, já que os historiadores são obrigados a levá-lo em conta, incorporando nele os seus resultados^{XI}.

A linguagem é outro ponto de tensão entre as duas áreas. Primeiramente, muitos termos de uma época histórica não se encaixam em outra. Outro problema é que o historiador não pode usar termos sociológicos livremente, já que estes podem ser inadequados para a realidade estudada, como solução para este problema o historiador pode criar termos próprios ou usar os da época estudada. Outro impasse são os termos técnicos não “traduzíveis”, destes temos como exemplo várias palavras em alemão que não possuem tradução para outras línguas ou que apresentam diferenças nas definições^{XII}.

A sistematização da História Comparada

Marc Bloch teve um grande papel como sistematizador do método comparativo na História. Segundo ele a comparação feita pelos historiadores deve, em dois ou mais meios

sociais, apontar aspectos recorrentes, descrever curvas de evolução e comprovar semelhanças e diferenças, explicando-as na medida do possível^{XIII}. A partir disto a História Comparada se diferenciaria dos métodos tradicionais, focados na análise ou explicação de um objeto.

Bloch também afirmou que sem semelhanças e diferenças entre fatos analisados não existe a possibilidade de comparação, e apontou os dois modelos utilizados ainda hoje pelo História Comparada. Nesta divisão, fica visível a influência de Durkheim, já que os modelos apontados por Bloch são muito semelhantes ao modelo defendido pelo sociólogo.

O primeiro modo defendia que sociedades distantes no tempo e espaço fossem contrapostas, de forma que as analogias encontradas não se provassem por influências mútuas ou origens comuns. O segundo defendia a utilização de sociedades próximas no tempo e espaço, já que estas seriam influenciadas umas pelas outras e submetidas a causas de origem parcialmente comum. Este último era o mais indicado pelo autor já que, segundo ele, permitia classificar e criticar melhor as aproximações e seu verdadeiro papel, levando a conclusões menos hipotéticas^{XIV}. No entanto, o fato do segundo modo ser o mais indicado por ele não invalida de maneira alguma o primeiro.

A História Comparada seria um modo específico de observar a História, definido por uma abordagem específica. Como método a comparação permite iluminar um objeto a partir de outro, através de analogias e da análise de semelhanças e diferenças entre duas realidades. Além disto, dois objetos podem ser iluminados reciprocamente, com as particularidades de um ressaltando as do outro^{XV}. Logo, ela não pode ser reduzida a meras coletâneas de histórias nacionais, sendo feita de interações e iluminações recíprocas e não apenas de superposições.

Uma tipologia de perspectivas comparatistas foi criada por Charles Tilly, nela podemos enxergar quatro formas pelas quais a História comparada pode ser desenvolvida:

- Individualizadora: foca nas semelhanças entre os objetos estudados com a intenção de achar as particularidades entre eles.
- Diferenciadora: investe em questionamentos, com a intenção de tirar conclusões sobre as diferenças entre os casos analisados.
- Universalizadora: busca elementos em comum entre casos, tentando estabelecer uma unicidade dos processos históricos.
- Generalizadora: analisa casos diversos, tentando colocá-los em um sistema que os abranja e dê sentido.

Assim, de acordo com o objetivo da pesquisa ela pode generalizar os casos examinados, inseri-los num sistema globalizador que lhes dê sentido ou buscar a singularidade para cada caso através da individualização e da diferenciação^{XVI}.

A ascensão da História-problema frente a “História historicizante” também influenciou a comparação dentro da História. Assim, um bom trabalho comparativo passou a ser considerado uma pesquisa composta pela análise de um problema atravessando duas sociedades, realidades distintas, representações, práticas sociais e etc. Outro traço crucial para este método é o duplo ou múltiplo campo de observação, condição sem a qual se torna impossível falar em comparação^{XVII}.

Obviamente, o método comparativo é outro aspecto imprescindível para a História Comparada, porém, não a define, já que pode ser utilizado em outras modalidades sem que o trabalho seja considerado um estudo comparado. Assim, é necessário diferenciar as pesquisas que desenvolvem estudos comparados das de História Relacional, que fazem equiparações ou que usam a comparação como aspecto parcial dentro de um marco maior^{XVIII}, além disso, ao estudarmos um processo no espaço e no tempo é preciso descobrir elementos comuns a todos os casos, típicos de subclasses de casos e individuais^{XIX}.

Um estudo comparativo também não deve favorecer nenhum dos casos, lembrando das pesquisas que utilizavam a comparação como marcador de distância entre o “mais” e o “menos” civilizado, e ser baseado nas fontes. Quanto a estas, muitos acham desaconselhável utilizar mais de duas sociedades numa pesquisa comparada, alegando que a quantidade e a densidade de fontes exigiriam um esforço muito grande e que, além disso, com mais casos escolhidos se torna mais difícil evitar a dependência da literatura secundária e o trabalho menos intenso com a fonte. Ou seja, escolher menos casos permitiria uma melhor esquematização dos dados e um menor desgaste para o pesquisador. Este fator chama a atenção para outro aspecto acentuado pela História Comparada: a necessidade de aperfeiçoamento do historiador, já que este tem que lidar com diversos temas de forma ampla.

Além disto, este método não permite cercas e exige diálogos com outros campos, abrigando assim pesquisadores de formações diversas e sendo profundamente interdisciplinar. Além desta interdisciplinaridade, provada em trabalhos como os de Weber e Durkheim, a História comparada também estabelece diálogos intradisciplinares. As Histórias Política, regional, das Relações Internacionais, urbana, social, econômica e demográfica são casos que exemplificam estes diálogos no interior da disciplina^{XX}.

Normalmente apenas alguns aspectos são estudados nas sociedades, buscando tipificar semelhanças e diferenças. Inicialmente isto era feito em grandes escalas, (nações ou civilizações) mas com o tempo o método comparativo foi assimilando novos objetos. Segundo Krauss tais escalas podem ser macrohistóricas, analisando grandes estruturas ou longos processos, ou microhistóricas, buscando como particulares lidam com estas estruturas e processos. Além destas, também cita a mesohistórica, que seria um ponto entre o macro e o micro capaz de explicar algumas variáveis no contexto^{XXI}.

A seleção dos casos para uma pesquisa é fundamental e pode estar ligada a relação do pesquisador com seu país, línguas que domina, seu conhecimento sobre outros países ou seu interesse científico. Já a comparabilidade entre os casos pede perguntas sobre se os termos utilizados e instituições teriam os mesmos significados nas duas sociedades ou se os territórios incorporados à pesquisa concordam. Quanto ao contexto tudo depende se será dada prioridade as diferenças ou semelhanças, se o foco estiver nas diferenças é necessário esclarecer traços importantes do contexto histórico para sublinhar resultados, já as semelhanças pedem um contexto mais amplo^{XXII}.

As pesquisas em História Comparada também pedirão algumas outras perguntas. Quanto a quais épocas históricas comparar, normalmente serão comparadas sociedades da mesma época, seguindo o modelo de Bloch. Quanto a comparar grupos sociais e instituições, quem diz o que vai ser comparado é a questão levantada pelo pesquisador, lembrando sempre que devem existir semelhanças e diferenças entre os casos escolhidos. Em relação ao recorte geográfico, normalmente são analisados países, quase nunca regiões ou cidades, este aspecto se coloca como um grande problema para medievalistas e estudiosos da antiguidade, períodos onde ainda não existia o conceito de Estado Nacional^{XXIII}.

História Comparada x História tradicional: pontos de atrito

As teorias e conceitos da História Comparada a distanciam da História tradicional, isso explica o fato dela ainda ser marginalizada na historiografia. Por exemplo, desde a sua criação este método discorda do singularismo^{XXIV}, aspecto ainda caro a alguns historiadores que impossibilitaria a comparação^{XXV}. Assim, apesar de pregada por Marc Bloch este método ainda enfrenta muita resistência, podemos tomar a própria França como exemplo, onde a História Comparada teve raras produções, inclusive nos *Annales*^{XXVI}.

Para os franceses a influência do comparatismo foi bem limitada, eles não a recusam, mas não a utilizam de forma explícita, com exceção da demografia histórica e da História

econômica^{XXVII}. Mesmo com condições propícias para impulsionar o método, como uma Sociologia que insiste na importância deste e que possui produções de qualidade, a lacuna ainda continua firme em terras francesas^{XXVIII}. Segundo Haupt, os historiadores desta nacionalidade afirmam que o método é vago, porém, ele reitera que isto não justifica a sua marginalização, devido ao fato dos trabalhos comparativos se alinharem a diversos aspectos da historiografia francesa, como a adoção da história-problema e a reflexão aprofundada sobre fontes e seu valor.

Aponta-se que a resistência francesa a comparação tem motivos particulares, começando pela tradição da história regional e local, que atesta um modo de escrever voltado à individualidade histórica, a qual o método comparativo é contrário, buscando além do individual, traços e estruturas gerais. Outro fator é que a maior parte dos paradigmas da História Contemporânea é baseada nos últimos cinquenta anos e está relacionada a posições de política interior, que dividiram e orientaram historiadores durante muito tempo. Assim, mesmo com a dissolução das frentes políticas, seu poder sobre definições e classificações da classe universitária é inegável^{XXIX}.

Graças a estes fatores o método comparativo não se impôs na França. Porém, a lacuna ficou cada vez mais evidente e a internacionalização da vida universitária e a constante menção do método são um bom sinal para o futuro. Outro autor que também apresenta fatores que propiciam a marginalidade do método comparativo, não apenas na França, é o alemão Jürgen Kocka. Para ele existem motivos práticos, culturais e nacionais da disciplina que fazem a comparação ser minoria, e aponta três pontos metodológicos que para ele são focos de tensão entre a abordagem comparada e a tradicional da História^{XXX}.

O primeiro ponto seria quanto ao volume de fontes, já citado aqui. Quanto mais casos, mais difícil se torna para o pesquisador não ficar dependente da literatura secundária, o que vai de encontro ao princípio moderno de proximidade com as fontes e do domínio de sua linguagem. O segundo ponto se refere ao fato da abordagem comparativa não focar em continuidades, tratando as unidades de comparação como casos independentes reunidos por perguntas sobre diferenças e semelhanças. Logo, a reconstrução de continuidades, a ênfase na interdependência e a apresentação narrativa, traços clássicos da disciplina, são quebrados pela História Comparada.

Por fim, por não ser possível comparar totalidades, mas sim aspectos, questões ou áreas de interesse do pesquisador, quanto mais casos incluídos mais a seleção, abstração e descontextualização se tornam necessárias, o que supera a ênfase no contexto, tão cara a disciplina^{XXXI}. Para Kocka estes aspectos podem explicar a marginalidade da História Comparada no campo historiográfico, assim como explicar sua ascensão durante os anos 1970 e 1980, quando a História se aproximou das Ciências Sociais.

Vantagens e riscos

Com tudo o que foi visto até aqui podemos perceber que a História Comparada é um método que, devido a sua proposta contrária a vários aspectos tradicionais da disciplina histórica, ainda causa muita discussão quanto a sua legitimidade. Dentro destes debates vários pesquisadores apontaram vantagens e potenciais riscos do uso do método comparativo na História.

Dentre as potencialidades do método a primeira que podemos citar é a sua capacidade de preencher lacunas documentais. Como exemplo disto podemos citar o estudo de Marc Bloch sobre os encarceramentos ingleses. Ao analisar este fenômeno Bloch se questionou sobre se algo parecido haveria acontecido na França, ao pesquisar sobre o assunto ele descobriu que algo análogo havia ocorrido lá, o que ocasionou uma revisão da história local francesa^{XXXII}. A comparação também seria capaz de ajudar a revelar relações entre sociedades antes

desconhecidas e que ninguém acreditava existir. Por exemplo, alguns fenômenos como o *open field* inglês nunca poderiam ser explicados sem a comparação com outras regiões, tornando assim a transposição de fronteiras nacionais necessária^{XXXIII}.

Outra vantagem é de possuir o poder de, em pesquisas monográficas, mostrar a singularidade de um estudo de caso, atribuindo-lhe densidade^{XXXIV}. Assim, monografias que trabalham casos nacionais ou locais podem se utilizar do comparatismo num capítulo final, por exemplo, para atestar o valor de suas explicações, ganhando um maior nível analítico. O método também permite um controle efetivo sobre hipóteses e generalizações, eliminando as que não se comprovam, enriquecendo as generalizações admitidas ou fornecendo novas. Logo, sem o método comparativo é impossível dizer se algo acontece do mesmo jeito em todos os lugares, e através dele é possível derrubar, enriquecer ou criar novas hipóteses^{XXXV}.

A intenção inicial de Marc Bloch em romper as fronteiras políticas e libertar a História das fronteiras nacionais também pode ser considerada uma vantagem. Ao permitir extrapolar estudos locais e regionais, sistematizar conhecimentos através da superação do caráter individual de cada sociedade e passar da descrição para a explicação de processos históricos a comparação possibilita o rompimento da herança que naturaliza as fronteiras políticas como unidades de análise.

Além disso, estudos partindo de uma questão em comum, analisando casos em duas ou mais sociedades diferentes em busca de semelhanças e diferenças ampliam a base documental e propõem uma interpretação das evoluções baseadas em realidades sociais, econômicas e políticas diferentes^{XXXVI}. Também pode orientar a escolha das problemáticas e diretrizes de pesquisa, permitindo uma definição melhor do campo de análise. Logo, exemplos de casos fora da zona conhecida do pesquisador e experiências com historiografias estrangeiras podem aumentar o horizonte de problemáticas^{XXXVII}.

Todas as potencialidades do método comparativo apontadas aqui podem ser bem sintetizadas a partir das quatro funções ou propósitos elencados por Kocka^{XXXVIII}. A primeira apontada por ele seria a função heurística, que permite ao historiador enxergar questões que não chamariam sua atenção de outra forma, como no caso de Bloch e o estudo sobre os encarceramentos ingleses. A segunda função seria a descritiva, esta ajudaria a esclarecer casos singulares ao compará-los com outros casos. A partir desta é que podemos ter as noções de primeiro, tardio e particular, afinal é impossível classificar um caso nestas categorias sem compará-lo a outro caso que, em tese, não se classifica nelas.

A terceira função seria a analítica, esta é irrefutável para o levantamento e resolução de questões de causa locais ou gerais. A última seria a função paradigmática. Esta traz o caráter desprovincializante do método, já que, ao entrar em contato com casos que não lhe são íntimos, o pesquisador percebe que o seu caso particular é apenas mais um entre muitos, o que diminui sua evidência, assim como o contrário também pode ocorrer e a singularidade do seu estudo ficar evidente.

Mesmo com todas estas vantagens não podíamos esperar que o método não apresentasse também potenciais riscos, até porque ele não é uma solução para todos os problemas da História, como afirmou o próprio Marc Bloch^{XXXIX}. Um dos problemas mais apontados em relação ao uso do comparatismo está no risco do pesquisador cometer anacronismos, ou seja, transportar elementos de uma realidade ou sociedade para outra, onde estes não cabem^{XL}. Outro risco, acentuado principalmente na modalidade em que se comparam sociedades distantes no tempo e espaço, é o das falsas analogias. O pesquisador precisa estar sempre atento para evitar confundir analogias rasas com semelhanças profundas, deixando de lado especificidades estruturais e históricas^{XLI}.

Eleger entre os casos comparados um modelo paradigmático, utilizando a comparação como unidade de distância em relação a este caso é outro grande risco que os comparatistas

correm. Foi graças a este problema que o método foi utilizado inicialmente na propagação de etnocentrismo e intenções de dominação de nações “menos desenvolvidas”, graças a adoção, principalmente, do ocidente como modelo paradigmático em relação a outras culturas, taxando-as assim de menos desenvolvidas, selvagens e etc. Hoje, a proposta da História Comparada está muito mais ligada a um conhecimento maior de outras sociedades e culturas, tendo travado uma grande luta contra o etnocentrismo durante o século XX.

O mal uso da comparação pode ocasionar também a identificação de uma sequência que já se tinha em mente antes da pesquisa, ajustando as realidades examinadas a uma hipótese definida anteriormente, como no caso em que estudos comparados foram usados para tentar validar a superioridade do sistema comunista. O risco de aceitar que as sociedades evoluem numa sequência de estágios está sempre a espreita também, porém, fazer análises que não sejam evolucionistas ou estáticas, levando em conta os diferentes caminhos que uma sociedade pode tomar costuma se mostrar uma tarefa difícil^{XLII}.

Apesar de resolver muitos problemas, o método comparativo não pode ter suas virtudes exageradas. Logo, ao utilizá-lo para comparar sociedades em estágios similares, o pesquisador tem que levar em conta que, apesar de parecidas em um momento, duas sociedades podem vir e estar se encaminhando para estágios diferentes de acordo com sua dinâmica própria^{XLIII}.

Outro erro é achar que comparar é simplesmente buscar semelhanças, sendo que o método, quando bem empregado, tem um interesse especial pelas diferenças de origem ou entre resultados de caminhos diferentes saídos da mesma origem. Logo, antes de comparar dois objetos é preciso analisar e identificar se entre eles há semelhanças e diferenças, evitando as críticas de contentamento com analogias fracas ou forçadas e descobrindo o que há de original entre duas sociedades a partir de suas diferenças^{XLIV}. Por fim, como apontado por Cardoso e Pérez, é preciso tomar cuidado com a confusão entre justaposição e comparação. Reunir descrições de casos não se configura como aplicação do método comparativo, já que assim a comparação fica implícita a análise do leitor.

Novas modalidades

Grças a diversos fatores contemporâneos como a queda da União Soviética, a consolidação da União Europeia e da União Africana, a aceleração da internacionalização e a Globalização surgiram novos questionamentos históricos que reafirmaram a necessidade de superação dos limites nacionais. Assim, novas modalidades historiográficas que entram em conflito com a História Comparada constituíram-se.

Com isso novas possibilidades apareceram, como a conexão com a História mundial, que busca reunir pontos de vista e conectá-los sem um centro único, ao contrário das propostas amparadas no ponto de vista ocidental^{XLV}. De acordo com estes novos pontos de vista a ênfase recai menos nas semelhanças e diferenças e mais nas influências mútuas, percepções recíprocas ou assimétricas e nos processos cruzados de construção um do outro, considerando a história de ambos os lados única ao invés de separada^{XLVI}.

Para um melhor entendimento destas novas modalidades é necessário entendermos dois campos: a *cross-national history* e a História transnacional, frutos de questionamentos ligados a Globalização e de interesses internacionais crescentes. Estas analisam e descrevem vínculos entre nações e os efeitos de instituições e intercâmbios transnacionais, colocando os impulsos externos que influenciam a cultura no centro das análises^{XLVII}.

Dentro da *cross-national history* há duas vertentes: *Transfergeschichte*, que questiona as semelhanças e diferenças entre duas sociedades sem vínculos ou influências culturais e sociais entre elas; e a História cruzada, que tenta demonstrar que os níveis macro, micro e meso históricos não estão separados. As duas vertentes tentam abrir as fronteiras a uma visão

mais ampla, libertando o historiador da ilusão de isolamento geopolítico, da obsessão pela continuidade espacial, entre outros fatores que comprimem o olhar historiográfico.

Há também o modelo proposto por Marcel Detiéne. Surgido em meados dos anos 1960, este propõe que vários especialistas de áreas diferentes sejam reunidos e se debrucem sobre um único problema. Assim, devido a variedade de pontos de vista, fatores antes despercebidos são iluminados^{XLVIII}. Este modelo surge num momento de abertura de novos campos do saber e da generalização e multiplicação de meios e suportes de organização. Funciona dividido em três etapas.

A primeira é a construção de problemas de acordo com projetos de pesquisa individuais de cada membro da equipe, que abre as interpretações de fenômenos sociais elaborados a partir de recortes distintos e saberes dos pesquisadores da equipe. Em seguida vem a construção de conjuntos de problemas, onde questões comuns que perpassam os diversos projetos serão analisadas singular e pluralmente. Por último vem a criação de um campo de exercício de experimentação comparada, onde através de debates regulares são mostrados resultados das pesquisas e verificadas diferenças sociais e históricas diante dos conjuntos de problemas^{XLIX}.

Segundo Assunção, estas modalidades podem ser inseridas na família das histórias comparadas, na qual há vários outros procedimentos que se combinam de várias maneiras e podem acontecer em várias instâncias da operação ortográfica. Por ter como ponto de partida um viés comparatista é muito difícil distingui-los da História comparada mais tradicional.

Considerações finais

Neste texto buscamos construir um breve guia inicial sobre História Comparada. Assim, apresentamos como este método foi introduzido na História, desde o seu uso para legitimação de superioridade de nações sobre outras e o seu impulso pós-Primeira Guerra Mundial, até o seu estabelecimento definitivo após a Segunda Guerra. Deixando claro como este processo de assimilação foi lento, e que só aconteceu plenamente após o método comparativo ter sido desenvolvido em outras áreas do conhecimento.

Também discutimos a sistematização do modelo comparativo, com especial destaque para Marc Bloch, e apresentamos os aspectos que regem esta metodologia. Assim, apontamos os requisitos necessários para uma pesquisa comparativa, seus modelos, tipologia, como se dá a escolha dos casos, questões a serem respondidas antes do início de um trabalho e etc.

Foram demonstrados alguns aspectos que podem explicar a resistência dos historiadores ao método comparativo, apontando fatores culturais e práticos da disciplina que fazem com que estes mostrem tanta resistência. Além disto, demonstramos as potenciais vantagens e riscos do uso da comparação numa pesquisa, e para finalizar foram apresentadas, muito rapidamente, algumas das novas modalidades historiográficas derivadas da História Comparada.

Com tudo o que foi apresentado, esperamos ter fornecido uma introdução capaz de atrair os leitores. Aconselhamos que caso haja o desejo de aprofundamento de leituras os interessados busquem mais contato com estudos que utilizem o método. Mesmo reconhecendo que não é fácil encontrar pesquisas que deixem explícitas a sua filiação a este método podemos apontar alguns exemplos. Primeiramente podem ser procurados alguns clássicos como *Os Reis Taumaturgos* de Marc Bloch, assim como *A ética protestante e o espírito do capitalismo* e *A cidade*, ambos de autoria de Max Weber.

Para estudos mais recentes apontamos o capítulo intitulado *Por que a hegemonia dos Estados Unidos difere da do Império Britânico*, presente na coletânea *Globalização, Democracia e Terrorismo* de Eric Hobsbawm. Nele o autor usa a comparação entre os EUA e o Império Britânico para mostrar porque a tentativa de hegemonia mundial do segundo país

no início do século XXI não teria êxito. Além disto, os interessados podem acessar o banco de teses e dissertações do Programa de pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, disponível no site do programa. Assim, esperamos ter contribuído para o aumento do interesse e da informação sobre este método, que mesmo se fazendo presente há tanto tempo no meio historiográfico ainda é desconhecido para uma boa parcela do público da área.

Notas

^I Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ); bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS). Orientador: Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard.

^{II} KRAUSS, Heidi Rositha. "Despedida de la Torre de Marfil". *Historia Comparada: una introducción. Espacio, tiempo y forma. Serie III, Historia medieval*, n. 21, p. 159-183, 2008.

^{III} BARROS, José D'Assunção. *História Comparada*. Petrópolis: Vozes, 2014.

^{IV} KRAUSS, Heidi Rositha. "Despedida de la Torre de Marfil". *Historia Comparada: una introducción. Espacio, tiempo y forma. Serie III, Historia medieval*, n. 21, p. 159-183, 2008.

^V CARDOSO, C. F.; PÉREZ BRIGNOLI, H. O método comparativo na História. In: *Os métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 409-419.

^{VI} BARROS, José D'Assunção. *História Comparada*. Petrópolis: Vozes, 2014.

^{VII} SILVA, Andréia C. L. F. da; TORRES, Andréa. "Do método comparativo em história", de Henri Pirenne. *História da Historiografia*, p. 297-307, 2015.

^{VIII} BARROS, José D'Assunção. *História Comparada*. Petrópolis: Vozes, 2014.

^{IX} BURKE, P. Métodos e modelos: comparação. In: *História e teoria social*. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 39-46.

^X Idem.

^{XI} Idem.

^{XII} Idem.

^{XIII} BLOCH, M. Para uma História Comparada das Sociedades Européias. In: *História e Historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998. p. 119-150.

^{XIV} Idem.

^{XV} BARROS, José D'Assunção. *História Comparada*. Petrópolis: Vozes, 2014.

^{XVI} Idem.

^{XVII} Idem.

^{XVIII} KRAUSS, Heidi Rositha. "Despedida de la Torre de Marfil". *Historia Comparada: una introducción. Espacio, tiempo y forma. Serie III, Historia medieval*, n. 21, p. 159-183, 2008.

^{XIX} CARDOSO, C. F.; PÉREZ BRIGNOLI, H. O método comparativo na História. In: *Os métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 409-419.

^{XX} BARROS, José D'Assunção. *História Comparada*. Petrópolis: Vozes, 2014.

^{XXI} KRAUSS, Heidi Rositha. "Despedida de la Torre de Marfil". *Historia Comparada: una introducción. Espacio, tiempo y forma. Serie III, Historia medieval*, n. 21, p. 159-183, 2008.

^{XXII} Idem.

^{XXIII} Idem.

^{XXIV} Este considera que a História é irrepitível, logo, não haveriam semelhanças entre períodos históricos diferentes que sustentassem um trabalho comparativo.

^{XXV} KRAUSS, Heidi Rositha. "Despedida de la Torre de Marfil". *Historia Comparada: una introducción. Espacio, tiempo y forma. Serie III, Historia medieval*, n. 21, p. 159-183, 2008.

^{XXVI} HAUPT, H.G. O lento surgimento de uma História Comparada. In: BOUTIER, J.; JULIA, D. *Passados recompostos; campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Editora FGV, 1998. p. 205-216.

^{XXVII} Idem.

^{XXVIII} Idem.

^{XXIX} Idem.

^{XXX} KOCKA, J. Comparison and beyond. *History and Theory*, n. 42, p. 39-44, feb. 2003.

^{XXXI} Idem.

^{XXXII} BLOCH, M. Para uma História Comparada das Sociedades Européias. In: _____. *História e Historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998. p. 119-150.

^{XXXIII} Idem.

- XXXIV CARDOSO, C. F.; PÉREZ BRIGNOLI, H. O método comparativo na História. In: Os métodos da História. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 409-419.
- XXXV Idem.
- XXXVI HAUPT, H.G. O lento surgimento de uma História Comparada. In: BOUTIER, J.; JULIA, D. Passados recompostos; campos e canteiros da História. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Editora FGV, 1998. p. 205-216.
- XXXVII Idem.
- XXXVIII KOCKA, J. Comparison and beyond. *History and Theory*, n. 42, p. 39-44, feb. 2003.
- XXXIX BLOCH, M. Para uma História Comparada das Sociedades Européias. In: _____. *História e Historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998. p. 119-150.
- XL BARROS, José D'Assunção. *História Comparada*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- XLI CARDOSO, C. F.; PÉREZ BRIGNOLI, H. O método comparativo na História. In: Os métodos da História. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 409-419.
- XLII BURKE, P. Métodos e modelos: comparação. In: *História e teoria social*. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 39-46.
- XLIII BARROS, José D'Assunção. *História Comparada*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- XLIV BLOCH, M. Para uma História Comparada das Sociedades Européias. In: _____. *História e Historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998. p. 119-150.
- XLV BARROS, José D'Assunção. *História Comparada*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- XLVI KOCKA, J. Comparison and beyond. *History and Theory*, n. 42, p. 39-44, feb. 2003.
- XLVII KRAUSS, Heidi Rositha. "Despedida de la Torre de Marfil". *Historia Comparada: una introducción. Espacio, tiempo y forma. Serie III, Historia medieval*, n. 21, p. 159-183, 2008.
- XLVIII BARROS, José D'Assunção. *História Comparada*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- XLIX THEML, N.; BUSTAMANTE, R. M. da C. História Comparada: olhares plurais. *Phoênix*, n. 10, p. 9-30, 2004.

Referências Bibliográficas:

BARROS, José D'Assunção. **História Comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BLOCH, Marc. Por una historia comparada de las sociedades europeas. In: GODOY, Gigi; HOURCADE, Eduardo. **Marc Bloch: una historia viva. Estudio preliminar y seleccion de textos**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992. p.63-98.

BURKE, P. Métodos e modelos: comparação. In: _____. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 39-46.

CARDOSO, C. F.; PÉREZ BRIGNOLI, H. O método comparativo na História. In: _____. **Os métodos da História**. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 409-419.

HAUPT, H.-G. O lento surgimento de uma História Comparada. In: BOUTIER, J.; JULIA, D. **Passados recompostos; campos e canteiros da História**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Editora FGV, 1998. p. 205-216.

KOCKA, J. Comparison and beyond. **History and Theory**, n. 42, p. 39-44, feb. 2003.

KRAUSS, Heidi Rositha. "Despedida de la Torre de Marfil". *Historia Comparada: una introducción. Espacio, tiempo y forma. Serie III, Historia medieval*, n. 21, p. 159-183, 2008.

SILVA, Andréia C. L. F. da; TORRES, Andréa. "Do método comparativo em história", de Henri Pirenne. **História da Historiografia**, p. 297-307, 2015.

THEML, N.; BUSTAMANTE, R. M. da C. História Comparada: olhares plurais. **Phônix**, n. 10, p. 9-30, 2004.

VEYNE, P. Teorias, tipos, conceitos. In: _____. **Como se escreve a História; Foucault revoluciona a História**. Brasília: Editora UnB, 1982. p. 61-72.